

HOJE É dia de decisões nos longos estaduais. Alguém disse que eles são muito curtos, pois, quando ficam bons, emocionantes, acabam.

No passado, os estaduais eram os principais campeonatos do país. Em minha infância e adolescência, eu ia em quase todos os domingos com meu pai, de ônibus, ao estádio Independência, sentado, ao lado da janela, para ver a festa das torcidas. Elas se cruzavam, sem violência. No estádio, eu ficava no primeiro degrau da arquibancada, poucos metros acima do gramado, para ver, de perto, os jogadores com suas faces de tensão, alegria e tristeza. Era futebol ao vivo.

Muitas pessoas não entendem como era possível em todos os clássicos ter torcidas igualmente divididas. Também não compreendem como dá para viver sem celular, internet ou WhatsApp. Ainda mantenho vários hábitos daquela época. Uso o celular apenas para fa-

zer e receber ligações, compro jornais na banca, converso com o gerente no banco, pego táxi na rua, sem aplicativo e tantas outras coisas que se tornaram obsoletas.

Sobrevivo, com prazer, graças à ajuda tecnológica de pessoas próximas e queridas. Se eu chegar aos 80 anos, serei expulso do planeta, por inadaptação ao mundo virtual.

Aos 16 anos, em 1963, comecei a jogar os estaduais, já como titular do Cruzeiro. A partir de 1965, com a inauguração do Mineirão, o Cruzeiro foi pentacampeão mineiro. Tenho saudades dessa época.

O Cruzeiro jogava com um volante (Piazza) e dois meias ofensivos

**Espero ver, nas decisões estaduais, em todo o país, bons jogos, sem violência e sem excesso de faltas**

(eu e o craço Dirceu Lopes). A seleção, contra a Rússia, atuou assim, com Casemiro de volante, mais os meias Paulinho e Coutinho. Carpegiani fez o mesmo no Flamengo, ao escalar o volante Cuellar e os meias Diego e Paquetá. Teve alguns bons momentos, como na vitória sobre o Emelec, quando o time foi bastante elogiado. Em seguida, foi excedido, por perder do Botafogo. O Manchester City também joga com

um volante (Fernandinho) e dois meias (De Bruyne e David Silva).

Na derrota para o Liverpool, por 3 a 0, Guardiola surpreendeu e trocou o ponta aberto (Sterling) por mais um armador (Gündogan). Deve ter ficado preocupado com a saída de bola da defesa, pois sabia que o Liverpool pressionaria Fernandinho. Deu errado. O City ficou torto, sem um jogador pela direita, e não conseguiu trocar passes desde a defesa. O Liverpool, no primeiro tempo, recuperou a bola facilmente, perto do gol. Como Guardiola é um mito, quase não foi criticado.

O mesmo ocorre com Tite, na seleção, e com Renato Gaúcho, no Grê-

mio. Mesmo se fizerem alguma coisa errada, não serão criticados. Sem comparar a qualidade técnica de Guardiola e Renato Gaúcho nem a importância que cada um tem para o futebol, Guardiola está para o mundo como Renato Gaúcho está para a torcida do Grêmio, do Flamengo e de muitas outras equipes brasileiras que gostariam de tê-lo como treinador.

O Liverpool, dirigido pelo alemão Jürgen Klopp, valorizado, mas não tanto quanto Guardiola, deu uma aula para os técnicos brasileiros de como pressionar quem está com a bola, com intensidade, em todo o campo, sem fazer tantas faltas, sem levar cartões e sem tumultuar o jogo. Isso não significa que todas as equipes devem usar a mesma estratégia. Há várias maneiras de jogar bem e de vencer. O futebol é muito complexo. Os que acham que sabem tudo, ou os que não sabem nada, são que tentam simplificá-lo.

# Futebol é complexo

TOSTÃO

Douglas Pingituro/Folhapress



**Hugo Calderano vive desde 2014 na pequena cidade de Ochsenhausen (ALE)**

## RAIO-X HUGO CALDERANO

### Nome

Hugo Calderano

### Nascimento e local

22.jun.96 (21 anos), no Rio de Janeiro (RJ)

### Altura e peso

1,82 m e 74 kg

### Principais conquistas na carreira

9º lugar na Olimpíada Rio-2016; ouro (individual e equipe) no Pan-Americano de Toronto-2015; bronze (individual) na Olimpíada da Juventude de Nanquim-2014

### Ranking atual

12º lugar na lista da ITTF (abril/2018)

MARCELO LAGUNA  
DE SÃO PAULO

Ao ficar com o vice-campeonato do Aberto do Qatar de tênis de mesa no início de março, o brasileiro Hugo Calderano mudou de patamar na modalidade. Para chegar à final do torneio (equivalente a um Grand Slam no tênis), bateu dois rivais entre os quatro melhores do mundo, um deles da China, país que há anos domina a modalidade.

Por isso, não chegou a ser uma surpresa sua presença na 12ª posição na mais recente atualização do ranking mundial da ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa), divulgada no último dia 1º. É a melhor já alcançada por um brasileiro na história. E isso com apenas 21 anos.

Considerado um prodígio do tênis de mesa do país — vem sendo convocado para seleções brasileiras desde os 14 anos —, Calderano tem a convicção de que logo estará figurando entre as principais estrelas da modalidade.

“Sei que quanto mais cedo subir no ranking, estarei preparado para encarar os melhores do mundo. Mas honestamente, já jogo no nível dos top 10”, afirmou.

Para ajudar a tornar seu plano real, resolveu alterar até sua dieta. Desde agosto do ano passado, Calderano tornou-se vegetariano.

“Vi um documentário explicando várias coisas sobre o vegetarianismo e decidi mudar. Passei a me sentir mais disposto nos treinos”, afirma

# prodígio

**Aos 21 anos, Hugo Calderano aposta em dieta vegetariana, cubo mágico e treinos na Alemanha para brigar por medalha na Olimpíada de 2020**

o brasileiro.

Mesmo para quem vive em um país onde há uma forte culinária baseada em carne de porco, a mudança não foi tão traumática assim. “O importante é saber como consumir os nutrientes necessários, como as proteínas. Opções sempre existem”, diz Calderano, que ainda não viu os efeitos da nova dieta nas competições.

“Já ouvi alguns atletas veganos dizendo que se sentem com a mente mais clara, mas ainda não afetou diretamente no meu desempenho”, explica o mesa-tenista.

Além da dieta, Hugo Calderano também tem um hobby diferente para poder relaxar das tensões das partidas. Por influência do pai, aprendeu a montar cubos mágicos (quebra-cabeças coloridos que foram febre nos anos 80) aos dez anos de idade. Ele curtiu tanto o brinquedo que se especializou em montá-lo, ou seja, deixar todos os lados da mesma cor, no menor tem-

po possível.

“Hoje consigo fazer em cerca de 10s, mas meu recorde é de 6s”, revela, sem valorizar tanto o feito. “Se você treina bastante, vira algo automático”, explica Calderano, que já viu viralizar na internet alguns vídeos seus montando cubos dos mais variados tamanhos. Nem por isso ele se acha um “atleta nerd”.

“Sempre fui bom aluno, tinha facilidade para aprender idiomas e área de exatas. Mas não ficava estudando o tempo todo. Praticava vários esportes na escola”, ressalta.

### LONGE DE CASA

Com uma dose de confiança que não deve ser confundida com arrogância, o carioca Hugo Calderano foge dos padrões para um atleta de sua idade. Uma prova disso foi abrir mão da zona de conforto da família e escolher a Alemanha como base para seus treinos e competições.

Desde 2014, Calderano vive na pequena cidade alemã

de Ochsenhausen, com menos de dez mil habitantes e localizada no sul do país, onde defende o Liebherr Ochsenhausen na liga alemã e nas competições europeias.

A Alemanha é considerada, abaixo da China e ao lado de alguns países da Ásia (Japão e Coreia do Sul, por exemplo), como uma das potências do tênis de mesa.

“No início, foi uma adaptação complicada, mas o fato de eu já ter morado três anos antes longe de casa [defendeu o São Caetano entre 2011 e 14], ajudou”, relembra.

Para atingir um nível jamais alcançado por outro brasileiro em sua modalidade — até então, o melhor jogador do país havia sido Ubiraci da Costa, o Biriba, 19º no mundo nos anos 60 —, Hugo Calderano não contou apenas com seu talento.

Ele reconhece a importância do trabalho do treinador francês Jean-René Mounier na evolução de seu jogo. Uma convivência iniciada em

“Vi um documentário explicando várias coisas sobre o vegetarianismo e decidi mudar. Passei a me sentir mais disposto nos treinos, mas ainda não afetou diretamente no meu desempenho nas partidas

Tenho ainda um longo caminho pela frente, preciso focar para evoluir aos poucos. De qualquer forma, acredito que terei chances reais de buscar um lugar no pódio na Olimpíada de Tóquio

HUGO CALDERANO  
Mesa-tenista do Brasil

2009, na seleção brasileira, e que após a Olimpíada Rio-2016 seguiu com ele, desta vez de forma individual.

“Melhorei muito desde que começamos a trabalhar juntos. Acredito que ele me colocou no caminho certo. O Mounier trouxe uma mentalidade diferente para o Brasil, uma mentalidade de alto nível”, afirma Calderano.

Ao menos para ele, vem dando certo.

Após ficar em nono lugar na Olimpíada Rio-2016, igualando o melhor resultado do Brasil na competição (que pertencia ao xará Hugo Hoyama, em Atlanta-1996), Calderano vem tendo uma ascensão constante no ranking mundial, especialmente este ano. Foram cinco posições conquistadas em apenas quatro meses, após ter iniciado a temporada em 17º lugar.

Se as projeções se confirmarem, a expectativa é de chegar em condições de brigar por medalha na Olimpíada de Tóquio, em 2020.

“Tenho ainda um longo caminho pela frente, preciso focar para evoluir aos poucos. De qualquer forma, tenho confiança de que terei chances reais de buscar um lugar no pódio”, diz o brasileiro.

O candidato a novo ídolo do esporte brasileiro diz ter como sonho tornar o tênis de mesa mais popular no país. “Lembro bem das imagens do ginásio lotado na Olimpíada no Rio, com a galera torcendo bastante. Eles viram que o tênis de mesa pode ser emocionante”, afirma Calderano.